



Vista aérea da central de tratamento de Seropédica, que recebe os resíduos do Rio de Janeiro, após fechamento do lixão de Gramacho

De Gramacho a Seropédica

Raquel Ribeiro *

Em um país que tem carência de energia, o lixo, vilão das grandes cidades, tornou-se solução energética no município de Duque de Caxias (RJ), com o fim do lixão de Gramacho, em junho de 2012. Durante 35 anos, Gramacho, até então, o maior depósito de lixo a céu aberto da América Latina, recebeu todo o lixo da cidade do Rio de Janeiro e municípios vizinhos, o equivalente a 9,5 mil toneladas de resíduo domiciliar diários. Com o consórcio Novo Gramacho reunindo três empresas, (JMalucelli Construtora de Obras AS, Synthesis Empreendimentos e S.A. Paulista), estabelecido em 2008, em contrato de 15 anos de concessão com a Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), o lixão deu lugar a um aterro e viabilizou-se a exploração e o aproveitamento do gás metano gerado pelo lixo e a recuperação do manguezal localizado na região. Os resíduos sólidos do Rio de Janeiro passaram a ser levados para a Central de Tratamento de Resíduos (CTR), no município vizinho de Seropédica, que tem vida útil prevista de 25 anos.

O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho tornou-se o único fornecedor de biogás do mundo

final, suprindo, com 70 milhões de metros cúbicos por dia, 10% da demanda energética da refinaria. "Com esse volume, seria possível abastecer todos os estabelecimentos comerciais e todas as residências do Estado do Rio", compara o engenheiro ambiental e coordenador da Novo Gramacho Energia Ambiental, Diogo Arantes.

O efeito do biogás na atmosfera é considerado 24 vezes mais nocivo do que o efeito estufa. Composto por 50% de gás carbônico (CO₂) e 50% de gás metano (CH₄), o biogás é tratado pela usina, queimado e purificado para poder ser vendido à Reduc. "A exploração do gás tem papel fundamental para a recuperação do aterro", explica Diogo. "Entramos com a finalidade de explorar o gás e fazer a gestão ambiental do aterro. A intenção não era simplesmente abandonar e fazer um parque. Como havia produção de gás, buscamos aproveitá-lo como fonte de renda para recuperar o próprio Aterro, já que ela pode durar de 10 a 12 anos", diz, explicando que não estava prevista receita adicional para essa recuperação.

Foi construída, ainda, no local, uma estação de tratamento do chorume — líquido preto altamente poluente originado da decomposição do



lixo. De acordo com Diogo, 1,5 milhão de litros de chorume são tratados diariamente. "Isso garante a redução da contaminação da Baía de Guanabara".

Apesar das melhorias trazidas pelo consórcio Novo Gramacho, Diogo aponta que houve falha na desativação dos catadores, que deveriam ter recebido orientação para serem inseridos no mercado de trabalho. "Foi feito um cálculo ilusório de quanto os catadores iriam gastar em 15 anos e deram aos catadores os recursos equivalentes. Eles receberam indenização em vez de preparação. Na verdade, demos um dinheiro a pessoas que não saberiam como usá-lo", analisou.

Em Seropédica, o novo aterro sanitário, em operação desde 2011, recebe diariamente 400 carretas, com 9 mil toneladas de lixo por dia, com gestão dos resíduos realizada pela empresa Ciclus, uma concessão da Comlurb. A empresa é responsável pela transferência, transporte, tratamento e disposição final dos resíduos. Conta também com estação de tratamento de chorume, para transformação em água, que pode ser lançada nos rios.

De acordo com informações da CTR, o terreno, com extensão de dois milhões de metros quadrados, passou por longa preparação, para que o lixo recebido não contaminasse o solo e, assim, fosse denominado aterro sanitário. Foram investidos R\$ 450 milhões.

O lixo retirado das ruas do Rio de Janeiro pela Comlurb é levado por caminhões para a estação de transferência mais próxima e deslocado para uma carreta com capacidade equivalente à de quatro caminhões, que leva o lixo para Seropédica. "As estações de transferência minimizam a poluição e os impactos ambientais e sociais da cidade", explica a superintendente de Operações de Seropédica, Priscila Zidan. Ao chegar no aterro sanitário, o caminhão é pesado, descarregado e o lixo é compactado com o uso de tratores, e coberto por terra. Esse mesmo procedimento é feito cerca de 400 vezes por dia.

"A CTR Rio tem tempo de vida útil estimado em 25 anos. Após este período, quando não haverá mais capacidade de receber resíduos, toda a área receberá argila e cobertura vegetal e plantio de espécies do ecossistema local. Ainda existe a possibilidade de transformar o local em praça com quadras de esportes", diz Priscila.

Priscila explica que a CTR foi responsável também pelo encerramento dos lixões de Seropédica e Itaguaí, e a recuperação ambiental do lixão de Seropédica, com acompanhamento aos cerca de cem ex-catadores que ali trabalhavam. "Eles recebem acompanhamento social e incentivo à escolaridade, em parcerias com a Caixa Econômica Federal e o Banco Mundial".

Priscila (E): após 25 anos de vida útil, novo aterro receberá cobertura vegetal e poderá virar praça; Diogo: fim do lixão não contemplou inserção dos catadores.

Usina de biogás criada em Gramacho para aproveitar o metano gerado pelas toneladas de lixo abastece a refinaria Reduc.

